

PsittaScene Vol. 20 N. 2 Maio de 2008

Tradução: André Becker Saidenberg

contents

- 2 Mensagem do diretor.
- 3 Sorte de principiante – O novo líder do projeto faz o relatório sobre a estação reprodutiva da Arara-de-Garganta-Azul.
- 7 Nova espécie, Novos desafios – Voluntários experientes ajudam a Arara-de-Garganta-Azul.
- 8 Voar ou cair – Uma Arara-de-Garganta-Azul levanta vôo.
- 9 Um visitante bem-vindo.
- 10 Uma reunião dourada – Ararajubas no Brasil.
- 14 Dez coisas que seu psitacídeo quer que você saiba sobre comportamento.
- 17 Notícias sobre os Papagaios-do-Congo.
- 18 PsittaNews e Eventos.
- 19 Contatos do WPT.
- 20 Psitacídeos na natureza: A Ararajuba.

Capas

A sobrevivência sem precedentes do segundo e terceiro filhotes dos ninhos de Araras-de-Garganta-Azul selvagens (*Ara glaucogularis*) foi um destaque da última estação reprodutiva. Com sorte esse sucesso é um bom presságio para a recuperação a longo prazo da espécie de arara mais rara na natureza.

© Alexander Pari Chipana

Um grande bando de Ararajubas (*Guaruba guarouba*) atravessam o rio Tapajós no Parque Nacional da Amazônia – sem dúvida um dos melhores locais para observar essa espécie no meio selvagem. Diversos bandos foram observados atravessando o rio, que mede mais de 3 km de largura nesse ponto.

© Thiago Orsi

Mensagem do diretor

Quando a foto da família de cinco aves chegou – mostrando os três filhotes de Arara-de-Garganta-Azul recém saídos do ninho junto a seus pais (veja a página 6) – isso realmente destacou o fantástico ano que havia sido para nosso projeto na Bolívia. Com cada novo período reprodutivo nós estendemos novas técnicas e melhoramos algumas antigas, permitindo que a equipe de campo efetivamente proteja e apoie cada casal e seus filhotes. Ao mesmo tempo nós infelizmente compreendemos que virtualmente todos esses ninhos necessitaram de proteção direta para serem bem-sucedidos. Ainda não vencemos mas certamente é gratificante ver tantos casais deixarem os ninhos seguidos pelos filhotes.

Depois de um mês de acompanhamento, Toa Kyle entregou as rédeas do projeto das Araras-de-Garganta-Azul a um cientista Argentino chamado Igor Berkunsky. Pelo final da estação reprodutiva, se juntou a Igor um incrível grupo de assistentes e voluntários de todo o mundo – 23 pessoas de nada menos do que 9 países! Para apresentar uma visão das perspectivas e comentários nessa edição da PsittaScene estamos animados em incluir uma coleção de artigos sobre as Araras-de-Garganta-Azul, cada um abordando um assunto diferente.

Dois outros artigos são incluídos nessa edição. Um de um estudante de mestrado Brasileiro, Thiago Orsi, que apresenta seu ótimo trabalho com as Ararajubas juntamente com algumas das mais magníficas fotos que jamais vimos destas aves. E outro uma nova perspectiva do que nossas aves pode esperar de nós, escrita por uma das melhores e mais atenciosas líderes nesse assunto atualmente, Professora Susan Friedman.

Espero que você aprecie essa edição tanto quanto eu e pedimos que por favor reserve alguns momentos para nos dizer o que você achou – feedback dos membros é tão bem-vindo quanto útil.

Jamie Gilardi.
Diretor

Menu lateral

Conforme as Araras-de-Garganta-Azul agora se tornam a espécie selvagem de arara mais rara no mundo, nosso trabalho se concentra primariamente em ajudar os últimos casais que conseguem criar de maneira bem-sucedida seus filhotes. Por uma série de razões – de chuvas até a perda de ovos por ação de tucanos – quase todas as tentativas de nidificação parecem falhar sem a intervenção direta e persistente dessa equipe de conservacionistas dedicados.

Nessa edição, nosso líder de projeto e voluntários nos contam suas histórias da última estação reprodutiva.

Sorte de principiante

Escrito por Igor Berkunsky

Era nossa primeira visita ao campo e meu primeiro encontro com as Araras-de-Garganta-Azul. Eu estava sendo “treinado” por Toa Kyle, o líder do projeto anteriormente. Depois de tirar algumas fotografias e visitar algumas caixas de ninho artificiais achamos um casal que parecia interessado em uma palmeira já morta. Eu disse:

“Toa, parece um ninho. O que você acha?”

Toa sugeriu que eu encontrasse um esconderijo perto da árvore e esperasse pelas aves. Eu fiquei mais de uma hora embaixo de uma moita esperando e finalmente o casal chegou. Um deles entrou na cavidade e o outro permaneceu fora, vigiando. Essa era a prova que necessitava. Eu esperei até que a ave que estava guardando o local voasse e saísse silenciosamente. Mais tarde nós subimos na árvore e encontramos o primeiro ovo da temporada! O ninho foi mantido até que 3 filhotes saíssem. Eu fiquei tão feliz com minha sorte de principiante! Infelizmente essa sorte não se repetiu e os próximos ninhos não vieram tão facilmente, mas vieram...

Quando o World Parrot Trust me convidou para assumir o Projeto de Conservação da Arara-de-Garganta-Azul achei que era um sonho. Depois de 10 anos trabalhando com Papagaios Verdadeiros (*Amazona aestiva*), Jandaias-de-testa-Azul (*Aratinga acuticaudata*) e Caturritas (*Myiopsitta monachus*) na Argentina, eu iria para a Bolívia trabalhar com a espécie de Arara mais ameaçada no mundo. Minhas preocupações eram importantes. Apesar de que eu tinha estado monitorando ninhos por anos, sempre fiz isso com uma visão científica – uma observação da situação no meio selvagem. Agora eu sentia uma enorme responsabilidade. Com as Araras-de-Garganta-Azul nós precisaríamos agir – tomar decisões e ir em frente. Tudo deveria ser concentrado em aumentar a população selvagem.

Nós temos apenas uns 80 indivíduos identificados na natureza, e é muito provável que a população total não seja maior do que 200 indivíduos. Tudo que fizermos (tanto bem quanto mal) poderia ter um impacto significativo para espécie. Tudo isso me atraiu e me preocupou ao mesmo tempo. Eu procurei pelo melhor assistente, Federico Kacoliris, e fomos até Trinidad para encontrar Toa.

Nós passamos mais de um mês com Toa e ele nos mostrou todos os locais que sabia onde as Araras-de-Garganta-Azul se encontravam. Visitamos ninhos e caixas de ninhos artificiais e conhecemos todos os fazendeiros envolvidos no projeto. Felizmente Beni (o departamento ou estado onde o projeto é feito) não é tão sufocante como a região do Chaco na Argentina, a qual estava acostumado.

Tivemos uma missão bastante direta: encontrar o máximo de ninhos ativos quanto possível e fazer todo o possível para garantir o sucesso do ninho. Para conseguir esse objetivo nós devemos monitorar cada ninho, todos os dias durante o período de 4 meses entre a postura e o vôo dos filhotes. Enquanto isso também temos de reparar antigos ninhos naturais e artificiais, e até mesmo retirar abelhas de alguns. Nada disso é fácil em um ambiente como Llanos de Moxos. Aqui na estação seca a combinação de calor intenso, poeira e fumaça resulta em dias quentes e cinzentos.

Com as primeiras chuvas o céu fica claro porém outro problema aparece – a inundação. No começo de Dezembro quase todos os acessos estão inundados e em Janeiro nós temos apenas uma estrada acessível por caminhão. Pelo final da estação, caminhões e aviões não podem ser utilizados e nós temos de nos movimentar com barcos.

Infelizmente as Araras-de-Garganta-Azul não são protegidas nem por um parque nem por reserva. A sua proteção depende totalmente dos fazendeiros que são donos da área onde as Araras vivem. Felizmente alguns desses

fazendeiros compreendem a situação e participam no projeto de conservação. Graças a eles é possível acampar perto dos ninhos e vigiá-los. Nossos bons resultados foram um resultado direto do apoio dos fazendeiros.

Um incrível trabalho de equipe contribuiu para nossos excelentes resultados. Todas as atividades de campo foram coordenadas com a ajuda de dois assistentes de campo, Federico e Carmen, e dois ajudantes, Vicente e John. Mas como você pode imaginar, cinco pessoas não são suficientes para dar conta de doze locais de pesquisa! Nós trouxemos ajuda, não somente da Bolívia mas também do Canadá, EUA, Colômbia, Peru, Uruguai, Argentina, Espanha e Nova Zelândia. Os voluntários ajudaram com a procura e monitoramento dos ninhos, reparando cavidades e todo tipo de manutenção. Eles também colaboraram com a alimentação de filhotes e monitoramento de saúde. Graças a ajuda dos voluntários nós construímos e mantivemos 4 acampamentos permanentes com 12 ninhos ativos. Alguns voluntários como os da Nova Zelândia (Brent e Francesca) merecem uma menção especial pois trouxeram como presente a sua experiência com diversos projetos de conservação de psitacídeos (veja a página 7).

A estação reprodutiva de 2007-08 foi ainda mais bem sucedida do que a última, que havia sido a mais produtiva até então. Cinco ninhos foram bem sucedidos resultando em 10 filhotes, a maior parte dos quais voaram no final de Dezembro/começo de Janeiro. Reduzimos a mortalidade por inanição a zero, aumentando a sobrevivência dos filhotes e a média de filhotes saindo do ninho. Em comparação com o ano de 2004 e 2005 nós dobramos o número médio de filhotes por ninho. Esses sucessos são o resultado de mais de 5 anos de contínuo trabalho do World Parrot Trust pelas Araras-de-Garganta-Azul em Llanos de Moxos e demonstram que todas as nossas técnicas de manejo estão dando frutos.

Nós encontramos 10 casais em postura e dois desses fizeram uma segunda tentativa de nidificação levando a um total de 12 ninhos ativos (o dobro da média dos anos anteriores). Metade desses casais foram bem-sucedidos e criaram 10 filhotes! Esse número de filhotes seria quase impossível de obter em condições naturais. A predação continua sendo a maior causa de falha na criação dos filhotes. Quarenta e três por cento dos ninhos ativos de 2004-2007 (4 períodos reprodutivos, 30 ninhos ativos) foram predados. Esse ano, um terço (4 de 12) dos ninhos ativos foram predados, a maior parte durante o período de incubação. Nós perdemos apenas um ninho durante o período de criação dos filhotes e foi devido a predação.

No começo desse período reprodutivo (o segundo ano utilizando caixas de ninho artificiais) 67% das caixas foram ocupadas por abelhas, e somente 20% ocupadas por aves, duas por Marreca-de-asa-branca (*Dendrocygna autumnalis*) e uma por Suindara (*Tyto alba*). Nós removemos as abelhas de ninhos, relocamos um, e instalamos três novos ninhos artificiais (um de caixa e dois de PVC). Duas de nossas caixas de ninho foram ocupadas por Araras-de-Garganta-Azul. Um casal utilizou uma caixa para duas tentativas de nidificação. A caixa estava lotada de abelhas no início da estação reprodutiva, mas após as removermos as Araras começaram a visitar o ninho e até mesmo decidiram fazer uma nova entrada no fundo da caixa. Com nossa ajuda essa caixa finalmente foi responsável pelo nascimento de 3 filhotes!

Nos ninhos de Araras-de-Garganta-Azul frequentemente mais de um filhote eclode mas apenas um sai do ninho. Essa redução natural na cria ocorre durante as primeiras duas semanas da criação. Essa é uma situação normal em outras espécies de araras mas representa um problema sério para as Araras-de-Garganta-Azul já que sua população está criticamente baixa. É essencial assegurar a sobrevivência de todo filhote que eclode naturalmente. A defesa mais simples contra a inanição é alimentar os filhotes durante o período mais crítico. Nós alimentamos os filhotes em quase todos os ninhos. A frequência da alimentação variou com as necessidades de cada filhote. Na maior parte dos casos os filhotes foram monitorados todos os dias.

Nós os pesamos a cada visita para garantir que estavam ganhando peso. Alimentamos os filhotes sempre que necessário. Só alguns dias de alimentação assistida eram geralmente o suficiente. Depois de uma ou duas semanas de alimentação no período mais crítico, os filhotes ganhavam o peso que necessitavam para poder competir eficientemente com os irmãos mais velhos. Antes de 2007 mais da metade dos filhotes (57%) que eclodiam acabavam por morrer, a maior parte (75%) na primeira semana de vida. Nós reduzimos esse número para zero. Em 2007 nenhum dos filhotes que eclodiram morreu por inanição.

As Araras-de-Garganta-Azul enfrentam todos os riscos associados com uma pequena população de indivíduos e a necessidade de aumentar a taxa de crescimento populacional é bem clara. Com uma população de 150-200 indivíduos qualquer catástrofe natural ou epidemia pode levar a extinção natural. Nós achamos muito importante

continuar a monitorar a população selvagem. Consideramos que podemos melhorar a taxa reprodutiva de Araras-de-Garganta-Azul ao utilizar técnicas simples de manejo.

No entanto, a urgência de um plano de criação em cativeiro e reintrodução está aumentando. Idealmente um programa de reprodução conduzido localmente seria coordenado com o programa de monitoramento dos ninhos na natureza de maneira que os filhotes nascidos de aves em cativeiro poderiam ser introduzidos em ninhos com pais selvagens. Outros programas de reintrodução de psitacídeos demonstraram problemas de socialização entre indivíduos, mais frequentemente porque adultos e/ou jovens estavam sendo soltos. Na melhor das hipóteses, os filhotes criados em cativeiro poderiam ser introduzidos em ninhos na natureza 2-3 semanas antes do primeiro vôo. Essa estratégia iria proporcionar que tivessem uma socialização natural, a qual é a melhor maneira de os introduzir na natureza. Eventualmente poderia ser possível ter 3 filhotes em todos os ninhos.

Outras questões em que gostaria de trabalhar são através da identificação de predadores de ninhos, e monitoramento dos jovens. O uso de câmeras em todos os ninhos ativos nos ajudaria a ver quais predadores visitam os ninhos e também ajudaria a monitorar a movimentação dos pais. O monitoramento dos jovens é importante pois todos os nossos esforços para aumentar o número de filhotes seria inútil se os jovens não sobreviverem até a idade reprodutiva. Enquanto que nós atualmente anilhamos os filhotes, é muito difícil ver as anilhas na natureza. E o uso de transmissores com tecnologia GPS ou por satélite poderia nos mostrar os movimentos de uma família inteira de Araras-de-Garganta-Azul, quanto maior melhor!

Fotos:

O líder do projeto Igor Berkunsky examina 3 filhotes de uma das caixas de ninho artificial. Proporcionando alimentação suplementar durante os críticos primeiros dias, todos os 3 filhotes se desenvolveram com sucesso.

As abelhas podem fazer rapidamente com que um ninho seja bastante inóspito para aves e pesquisadores. Depois de removidas as abelhas podem voltar dentro de 2 semanas.

Os resultados iniciais com as caixas ninho são encorajadoras. Caixas de PVC (esquerda) foram utilizadas esse ano. No entanto caixas de madeira são mais fáceis de renovar (acima). Enquanto o macho fica de vigia, um dos 3 filhotes aproveita a vista da nova entrada traseira.

Os filhotes são cuidadosamente inspecionados, pesados e medidos durante as visitas regulares aos ninhos.

Essa é a primeira família de cinco Araras-de-Garganta-Azul já documentada – Janeiro de 2008.

Para contribuir com esse projeto visite www.parrots.org - donate

Nova Espécie, Novos Desafios – Escrito por Brent Barrett and Francesca Cunninghame

Os princípios básicos de conservação de espécies são relativamente simples. Você necessita localizar e mapear todas as populações, proteger o habitat e os indivíduos de todas as formas que os prejudiquem e usar métodos para ensinar as pessoas para a proteção futura. É aqui que o que é simples termina. Os desafios da direção na conservação são muitos. O ambiente pode ser socialmente e fisicamente desafiador. Frequentemente existe uma falta de conhecimento das necessidades e dos métodos de conservação. E é claro, frequentemente os recursos são limitados em termos de tempo e de pessoas. Quase todos os projetos enfrentam essas dificuldades e a verdadeira habilidade está em como superá-las. O projeto da Arara-de-Garganta-Azul montou numerosas estratégias para superar esses desafios. Entre eles inclui-se trabalhar extensivamente com voluntários do mundo inteiro, fomentar boas relações com as comunidades locais e ONGs e desenvolver estratégias para combater qualquer novo desafio encontrado.

Apesar de muito conhecimento prévio e recém adquirido, ainda há muito a aprender sobre essa espécie ameaçada, sendo essencial para sua sobrevivência. No futuro imediato torna-se imperativo:

1. Maximizar a sobrevivência de todos os filhotes de maneira que 100% dos filhotes monitorados saia do ninho.

2. Proteger todos os ovos férteis durante o muito vulnerável período de incubação. Isso irá requerir que o mesmo comprometimento estóico da direção, equipe e voluntários utilizando algum método engenhoso de conservação, tal como a criação artificial e ovoscopia. O resultado será produtividade maximizada que irá aumentar as frágeis populações satélites que constituem a segurança genética da espécie.

Nós realmente aproveitamos nossa estada com o projeto da Arara-de-Garganta-Azul. Trabalhar com a equipe e os animais foi realmente gratificante e esperamos retornar para ajudar novamente no futuro.

Foto:

As Araras-de-Garganta-Azul normalmente tem mais de um filhote mas é comum que apenas um único, se é que algum, irá sobreviver até a idade do primeiro voo. Para diminuir essa taxa de mortalidade os filhotes são pesados diariamente (ou mesmo duas vezes) e alimentados conforme a necessidade. Como resultado a mortalidade por inanição foi reduzida a zero e o número de filhotes bem-sucedidos por ninho dobrou.

Voar ou cair – Uma Arara-de-Garganta-Azul levanta vôo.

Escrito por Sarah Faegre, voluntária do projeto

19 de Dezembro 2007

É seis da manhã quando chego até o esconderijo. Tenho observado esse ninho de Arara-de-Garganta-Azul todos os dias por um mês. Na última semana Goliath, o maior dos dois filhotes, tem posto a cabeça para fora da entrada do ninho. Pouco depois do amanhecer eu observo enquanto ele sobe para a entrada e olha em volta. De vez em quando um bocejo escapa de seu grande e negro bico.

Às oito da manhã enquanto seus pais se empoleiram numa árvore vizinha, Goliath dá seus primeiros e cautelosos passos para fora da cavidade. Ele cambaleia em cima da entrada do ninho sobre um galho bastante inclinado e começa a bater suas asas. Nas horas seguintes eu observo seus pais darem toda a atenção para ele. Os pais voam para o galho acima dele e ele imediatamente se torna mais confiante, subindo no tronco da primeira bifurcação. Ele baixa sua cabeça até que seu bico toca a casca do tronco, seus olhos estão ligeiramente cerrados, penas levantadas para facilitar os cafunés de seus pais. Eles alisam suas asas e mordiscam as pequenas penas e a pele nua ao redor de sua face, e então continuam em direção ao papo até seu ventre. Observar os três juntos é uma das cenas mais maravilhosas que já observei na natureza.

Enquanto isso, a pequena Manu (a irmã mais jovem) parece sentir-se terrivelmente deixada de lado, se empoleirando na entrada do ninho e gritando alto. A mãe sobe até o tronco e entra na cavidade para cuidar de Manu enquanto Goliath passeia indo mais alto. Ele está quase alcançando o próximo galho, com o pai bem atrás dele quando ele escorrega...Ele bate as asas como louco mas é muito tarde. Cai num grupo de bromélias na base da árvore ninho. O pai simplesmente fica observando enquanto seu filhote grita do solo. A mãe põe a cabeça para fora do ninho e a babá (eu) pula para fora do esconderijo e vai ajudar o filhote caído.

Enquanto me aproximo, os pais gritam aflitos e circulam a árvore do ninho diversas vezes antes de deixarem a área. Goliath grita e tenta voar para longe mas suas asas pouco ajudam a aumentar sua velocidade no solo enquanto ele cambaleia para longe de mim. Eu o pego facilmente e ele se acalma. O sortudo Goliath tem um fã clube de pessoas ao redor do mundo e por isso ele irá ser um dos poucos psitacídeos selvagens a ter uma segunda chance. Eu o recoloco no ninho e volto para o esconderijo. Não há nenhum ruído ou aparecimento dos filhotes pelas próximas duas horas e espero que eles fiquem bem.

20 de Dezembro de 2007

Eu chego ao esconderijo às 7 da manhã e vejo um filhote colocando sua cabeça para fora da entrada do ninho. Seria Goliath ou ele já teria saído voando? Estaria ele no alto das árvores com seus pais? Poderia ele ter saído voando ontem e sido atacado por um predador? Às 7:15 o filhote esconde-se e eu fico observando a entrada vazia do ninho imaginando coisas...Às 7:38 ouço o chamado familiar e choroso dos adultos juntamente com os sons dos filhotes por perto. Minha curiosidade é esmagadora e eu saio do esconderijo para dar uma olhada.

Goliath está com eles se agarrando a um galho precariamente pendurado em uma pequena e irregular Palmeira Motacu. Ele me observa parecendo muito menos preocupado com minha presença do que com sua situação problemática. Ele tenta subir mais alto, perde o equilíbrio e bate as asas escalando de volta para o galho. O que eu devo fazer? Me perguntei. Não quero atrapalhar a família nesse momento bastante delicado, mas não posso deixar um filhote de Arara-de-Garganta-Azul nessa situação vulnerável. Minha solução? O equipamento portátil para tomar conta de filhotes de Arara-de-Garganta-Azul (apelidado de esconderijo portátil).

Eu gasto 15 minutos silenciosamente movendo o esconderijo. Imagino por quanto tempo ele estaria nessa árvore? Parece que ele subiu vindo do chão. Se ele caiu duas vezes quem dirá que ele não caia de novo? Obviamente esse filhote esquelético e ainda com suas penas curtas não pode voar, ainda assim ele está demonstrando que se prepara para decolar. Eu mudo minha câmera para o modo de vídeo imaginando se realmente queria uma filmagem de um filhote de Arara caindo no chão.

E então, com toda sua força, Goliath se lança do galho e voa, direto através das árvores e para fora de vista, seus pais o seguem de perto. E então às 8:45 da manhã os pais e seu filhote recém saído do ninho desaparecem como silhuetas sobre a savana dourada.

Visite www.parrots.org para ver o blog de Sarah e a filmagem do primeiro vôo de Goliath.

Um visitante bem-vindo

Escrito por Dave Cruz, Zoológico de Minnesota.

O Projeto da Arara-de-Garganta-Azul me intrigou por muito tempo durante minha carreira como adestrador de aves. Em Novembro de 2007 tive a oportunidade de visitar o Projeto do World Parrot Trust. Estava totalmente preparado para ser recebido como um “estrangeiro” ou hóspede privilegiado a ser deixado de lado e mantido longe da verdadeira ação. Eu queria realmente fazer algo mas sabia que teria que segurar meu entusiasmo.

Dizer que meus temores estavam cem por cento errados seria pouco. Eu fui recebido na equipe bem enturmada de profissionais de boa índole e estava imediatamente no meio do projeto. Do momento em que nosso pequeno avião de 4 lugares pousou no campo lamacento que funcionava como pista, eu me tornei mais um membro de uma família grande e que trabalha duro. E realmente quero dizer trabalhar duro. Fui informado que nosso piloto não voltaria para nos levar de volta a não ser que fizéssemos alguns reparos na “pista”. Nos organizamos para trabalhar com machadinhas, pás improvisadas e enxadas. Isso sim é meu estilo de iniciação.

Há muito terreno a se percorrer nesse projeto. O terreno é bem pouco acolhedor e as caminhadas necessárias para chegar aos locais de nidificação são bem difíceis. Fui avisado sobre a desidratação no sol abrasador do entardecer, mas não prestei atenção até que tive de ser ajudado a voltar ao acampamento por um de meus novos companheiros. Aprendi a lição rapidamente e meu corpo se acostumou àquelas condições em pouco tempo. Eu aproveitei os desafios das caminhadas e das escaladas. A emoção de explorar locais que a maior parte das pessoas nunca irá ver é uma das grandes alegrias da minha vida. Mas uma das coisas mais difíceis para mim foi dominar o jogo de “esperar”.

Eu não estava preparado para os longos períodos de tempo quando as chuvas sazonais são tão fortes que tudo é mantido em suspenso. Não sabia que era possível chover tão forte e por tanto tempo. A espera e a preocupação pela segurança das Araras em postura e seus ovos e filhotes em vários estágio de desenvolvimento foi mais do que eu pude aguentar. O resto da equipe já havia passado por isso várias vezes. Eles esperavam pelo fim da tempestade em redes enquanto planejavam e se preparavam para a excitação de atividades que se seguiria. Essas chuvas, apesar de serem um aborrecimento passageiro para mim, é uma difícil realidade que custou a vida de muitos preciosos filhotes de Araras-de-Garganta-Azul. Isso é um assunto muito sério e muito cuidado foi dedicado para tornar esses ninhos à prova de inundações.

Meu tempo nesse projeto foi curto mas intensamente gratificante. A primeira experiência ao vivo foi também inestimável para mim e minha equipe no Zoológico de Minnesota. Nos dá uma perspectiva totalmente nova para ensinar os visitantes do zoológico sobre essas aves e sobre o tanto que é necessário para salvar qualquer espécie uma vez que se torne tão criticamente ameaçada. O Projeto para recuperação da Arara-de-Garganta-Azul é imensamente necessário. Eu poderia e deveria dar um tapinha nas costas de cada um na equipe de campo, aos

patrocinadores e todos os que ajudam de alguma maneira, mas essa não é toda a estória. Essa pequena população de Araras-de-Garganta-Azul selvagens, apesar de estarem aumentando em números, é extremamente frágil. Parece que a intervenção humana pode ser a única maneira de impedir a extinção dessa espetacular espécie de arara. No final minha esperança é de que essa seja a estória de sua sobrevivência.

Foto:

Quando a chuva vêm, chegar até os ninhos e filhotes fica muito mais complicado. Barcos e cavalos se tornam indispensáveis para fazer com que as tarefas diárias sejam cumpridas.

Uma reunião dourada

Texto e fotos por Thiago Orsi

Era o final de uma quente manhã no Parque Nacional da Amazônia, oeste do Pará. Por uma tortuosa e lamacente trilha, o biólogo do WPT Toa Kyle e eu chegamos ao nosso destino para encontrar algo faltando na paisagem. Não podia acreditar...

Seis semanas antes eu havia andado por essa mesma trilha para encontrar um local repleto de atividade de Ararajubas incluindo um ninho ativo. Infelizmente na manhã de 8 de Março de 2007 o que encontrei faltando foi a árvore. No seu local nós encontramos um tronco cortado por serra elétrica. Alguém obviamente havia cortado a árvore para roubar os filhotes do ninho. Nosso primeiro sentimento foi ficar em choque, e então raiva, e depois apenas tristeza. Mas é por isso que nós devemos estar aqui. Pessoalmente meu papel com a estória da Ararajuba começou antes e não iria terminar tão cedo.

Meu trabalho com a Ararajuba, o assunto da minha tese de mestrado, começou em Julho de 2006 quando Toa e eu nos encontramos procurando por essas aves no sudeste do estado do Amazonas, Em mais de uma semana de buscas e entrevistando os locais não pudemos confirmar a presença da espécie na área. No final nós tivemos de viajar para o lado oeste do rio Tapajós, no vizinho Pará, para encontrar bandos dessas incríveis aves. A primeira vez que observei uma Ararajuba na natureza foi uma descoberta de 22 aves forrageando nas altas árvores ao longo da rodovia TransAmazônica. Nos dias que se seguiram nós observamos outros bandos na área e eu percebi que teria que mudar meu local de pesquisa do sudoeste da Amazônia para o oeste do Pará.

Comecei a trabalhar na minha tese em Janeiro de 2007, concentrando meus esforços dentro e ao redor do Parque Nacional da Amazônia. Terminei em Dezembro do mesmo ano, após passar mais de 160 dias no campo e cruzando mais de 3000 km por carro, bicicleta e a pé. Ao final passei mais de 900 horas procurando e estudando essa emblemática, porém enigmática espécie.

Novos tipos de alimentos:

Observei as Ararajubas se alimentando em 11 tipos diferentes de árvores, 10 das quais nunca haviam sido relatadas sendo usadas pela espécie. As aves se concentraram em um tipo de árvore frutífera por dado período e então trocavam por outra espécie a medida que o suprimento de frutos da primeira diminuía e da última aumentava. Com algumas árvores elas se alimentavam da polpa da fruta ou da casca enquanto que de outras elas ingeriam as sementes. A maioria das árvores de alimentação eram de florestas secundárias (florestas em regeneração) o que leva a questão sobre quais árvores elas utilizam em áreas virgens ainda sem resposta. Durante o período da minha pesquisa haviam outras várias espécies de árvores com frutos que eram ignoradas por Ararajubas mas visitadas por outras espécies de psitacídeos tais como a Arara-piranga (*Ara macao*), Arara-vermelha (*Ara chloroptera*) e Maritacas (*Aratinga leucophthalmus*).

No decorrer do ano eu observei bandos específicos de Ararajubas se alimentando nas mesmas áreas. Apesar de que eles pareciam desaparecer por dias, não acredito que sejam uma espécie que migra sazonalmente ou procura nomadicamente por árvores em frutificação por grandes distâncias. Pelo contrário, parece que com certos bandos ao menos, eles ocupam um território específico pelo ano inteiro.

Como observado por Toa Kyle (PsittaScene V. 17: n. 2), as árvores murici (*Byrsonima* spp) são importantes fontes de alimento para a Ararajuba, especialmente durante o período após saírem do ninho. Eu testemunhei os maiores agrupamentos, algumas vezes de até 50 aves, nas áreas ricas em árvores murici. Foi também num bosque de murici que eu observei um filhote enquanto ele aprendia como se alimentar sozinho. O bando do filhote o havia deixado

sozinho enquanto eles procuravam por outras árvores em fruto. Para minha diversão o filhote mastigou flores, segurando cada uma no seu bico por vários segundos em dado momento. Uma vez observei um bando de 19 aves se alimentarem em um pomar de murici por mais de quatro horas.

Dinâmicas do bando:

Observei bandos de variados tamanhos durante o período de estudo, de aves solitárias a casais e até mesmo grupos de 50 indivíduos, mas os bandos de 5 a 7 aves eram os mais comuns. Nas árvores onde pernoitavam notei que até 20 aves podiam dormir dentro da mesma cavidade na árvore. Devido ao fato que o mesmo número de indivíduos foi observado dormindo na mesma árvore dormitório pelo curso do ano inteiro, eu me referi ao bando como um clã adotando o termo primeiramente empregado por Glenn Reynolds (PsittaScene Vol.15:2). Os indivíduos destes clãs permaneciam vagamente juntos durante o dia, separando-se para forragear, acasalar ou limparem-se mutuamente, ou para vigilância e defesa do ninho. No calor do sol da tarde, os clãs descansavam na sombra das árvores perto dos locais de pernoite. Alguns clãs eram hostis a presença de outras Ararajubas nos locais de nidificação e alimentação enquanto que em outras áreas os clãs mesclavam-se pacificamente.

Ao rastrear as localizações de clãs específicos e localizando as árvores dormitório, estimei a população de Ararajubas na minha área de estudo (perto de 4000 km²) a algumas centenas de indivíduos. No entanto, somente uma pequena proporção dessas aves parecia estar reproduzindo ativamente. Em média somente dois a três filhotes eram vistos por bando. O máximo de 4 filhotes foi observado nos bandos com mais de 20 aves. Esse pequeno número de filhotes por bando sugere uma baixa taxa reprodutiva devido a possibilidade de um número desproporcional de indivíduos não-reprodutores em relação as aves capazes de se reproduzir.

As interações sociais entre os membros dos clãs era espetacular de se observar. Durante as primeiras horas da manhã nos locais de nidificação o clã se dedica a se limpar e socializar. As aves se agrupavam em pares ou trios nos galhos onde se limpavam mutuamente. A brincadeira também é um comportamento notável nesse momento. Alguns indivíduos bicam uns aos outros de brincadeira, algumas vezes se dependurando de cabeça para baixo até se desprenderem do galho, caindo por poucos instantes antes de voar de volta ao mesmo poleiro. Em uma ocasião observei alguns indivíduos formarem uma linha ao paralelo a uma trepadeira pendente onde as aves se dependuravam de cabeça para baixo e mordiam de brincadeira umas as outras. Durante esses momentos, eu também notava que outras aves permaneciam empoleiradas sozinhas em galhos mais altos. Talvez estes sejam os mais velhos do bando que se dedicam a vigilância e segurança do clã.

Nidificação e árvores dormitório:

Durante o tempo que passei estudando fui capaz de localizar perto de 14 árvores dormitório, das quais oito eram ninhos ativos durante o período reprodutivo. Todas as árvores foram encontradas em áreas abertas ao redor da rodovia TransAmazônica ou em pequenos lotes de terra para agricultura, sujeitos a grande impacto por atividades humanas. Não encontrei nenhuma preferência por algum tipo específico de árvore ou estrutura para o propósito de nidificação. Os clãs de Ararajubas continuaram a utilizar certas árvores ninho como árvores dormitórios nos meses fora do período reprodutivo. Somente uma árvore dormitório foi abandonada durante o período da minha pesquisa, apesar de que isso ocorreu após o fato de que a área ao redor da árvore foi queimada para ser substituída por pastagem. Nesse caso o bando permaneceu na mesma área utilizando outra cavidade de árvore como dormitório.

Em muitas ocasiões eu observei comportamentos de agressividade por parte das aves incubando ovos em relação a outros bandos de Ararajubas ou outras espécies de psitacídeos. Ararajubas são muito eficientes em espantar outras aves da área dos ninhos sem mesmo entrando em contato direto com esses “invasores”. No entanto, o jogo mudou para uma infeliz Ararajuba que estava observando, quando ela vôou muito perto do ninho de um Gavião cauré (*Falco rufigularis*), a Ararajuba foi rapidamente mandada embora por essa pequena mas extremamente ágil ave.

Captura e Desmatamento:

A captura de psitacídeos para o tráfico de animais silvestres continua no Parque Nacional da Amazônia. A árvore com ninho que estávamos planejando subir em Março de 2007 foi obviamente cortada em Fevereiro para retirar os filhotes. Neste caso o clã de seis indivíduos foi reduzido a 4 aves que continuaram a pernoitar na mesma área em outra árvore. Muitos dos locais com quem eu conversei admitiram ter Ararajubas nas suas casas e também revelaram que haviam recebido ofertas por outras pessoas para que fossem compradas. Eu também encontrei

árvores ninho ao sul do Parque que tinham pranchas de madeira pregadas para servir de escada até o ninho. Apesar de que o roubo de filhotes nessa região não parece estar em uma escala organizada como no leste do Pará, cada novo dia traz mais sinais de captura ilegal.

As ações dos traficantes e a contínua perda de habitat são o início do risco de extinção para a Ararajuba. Estudos recentes exibiram o avanço do desmatamento na Amazônia e o prognóstico é pessimista. Nesse cenário bastante desanimador a porção central da distribuição da Ararajuba, onde o Parque se encontra, irá se tonrar o centro da esperança de sobrevivência para a espécie. Novas unidades de conservação foram criadas nessa área que devem garantir a manutenção dessa espécie a longo prazo. Mas é reconhecido que controlar a ação dos traficantes será um desafio.

Uma boa notícia é que a ONG Amigos do Parque Nacional da Amazônia foi recentemente criada. Essa ONG tem feito palestras educacionais nas comunidades ao redor do Parque e é um bem vindo aliado em aumentar a consciência sobre a importância de se garantir o futuro da Ararajuba na região. A educação ambiental é sem dúvida a principal medida que pode ser implementada de maneira a diminuir o número de aves sendo capturadas para o comércio ilegal de aves.

Áreas para investigações futuras:

O trabalho de mapeamento dos ninhos com as Ararajubas ainda é muito básico. Ele é obviamente importante para qualquer programa de recuperação de espécies ameaçadas para saber quão bem (ou mal) a espécie se reproduz na natureza. No caso da Ararajuba é extremamente interessante determinar se certo clã é composto por diversos casais em postura ou um único par auxiliado por seus filhotes dos períodos reprodutivos anteriores – uma teoria que foi sugerida por Glenn Reynolds na PsittaScene Vol.15:2. O conhecimento de quantas aves constituem a população em reprodução irá nos ajudar a melhor compreender a vulnerabilidade que enfrentam em direção a extinção, e a direção para os futuros esforços de conservação.

Meu estudo teve tendência de resultados devido a que a maior parte das minhas observações terem sido feitas na vizinhança da rodovia TransAmazônica. Isso se deve em parte à preferência que a Ararajuba exibe para nidificar e pernoitar em árvores em áreas descampadas e degradadas, mas também devido a falta de trilhas dentro do Parque para permitir buscas adequadas de florestas intocadas. Espera-se que a pesquisa futura possa atingir um equilíbrio adequado entre o tempo gasto em áreas alteradas por atividades humanas e regiões intocadas, para melhor determinar as necessidades de habitat para essas encantadoras aves. Um melhor conhecimento da biologia da Ararajuba, juntamente com extensos programas de educação para as pessoas e comunidades que habitam as áreas onde se encontram essas aves, é essencial para preservar essa surpreendente e única espécie.

Fotos:

Uma série de fotos tiradas em uma árvore com ninho no Parque Nacional da Amazônia. O bando original de 6 aves pode ser visto na foto do meio à direita. Depois que a árvore foi cortada por traficantes (acima), somente quatro aves puderam ser vistas na área. A cavidade do ninho estava localizada em um dos galhos.

Uma ararajuba se alimenta de uma fruta localmente conhecida como Tapiriri (acima). Quando um grupo ataca um pomar de murici cheio de frutas ainda verdes (à direita), é impossível observar os indivíduos de perto.

As aves exploram as cavidades nas árvores, perseguem e bicam umas às outras e se limpam mutuamente nas primeiras horas após o amanhecer e nas últimas horas do dia, usualmente na vizinhança da sua árvore ninho ou onde irão pernoitar. No calor do dia (abaixo) elas encontram abrigo na sombra e descansam ou socializam-se.

Essa árvore ninho em particular está situada numa lagoa cheia de jacarés. É desnecessário dizer que nós estávamos preocupados em nadar até a árvore para subir. Compramos um bote inflável que irá nos ajudar a acessar as árvores ninho tais como essa e também levar a buscas por outros ninhos rodeados por água.

Para contribuir com esse projeto acesse www.parrots.org seção donate

Seção Pet

Susan G. Friedman, Ph.D., é professora de psicologia na Universidade Estadual de Utah. Por toda a última década tem ajudado com esforços pioneiros para aplicar aos animais os avanços científicos de tecnologia para ensino de padrões éticos de Análise Aplicada de Comportamento. Susan dá aulas em dois cursos online, um para veterinários e profissionais que trabalham com animais e outro para donos de animais de estimação; ela apresenta workshops sobre diversas espécies ao redor do mundo. Seus artigos foram traduzidos na Internet para 8 línguas diferentes.

Dez coisas que seu papagaio quer que você saiba sobre comportamento

Escrito por S.G. Friedman, Ph.D., Departamento of Psicologia, Utah State University

Expressar-se já é difícil, então como alguém pode falar por outra espécie? As regras gerais de aprendizado e comportamento no campo da análise de comportamento proporciona uma voz capaz de falar sobre melhores práticas para o bem-estar de todos animais. Em anos recentes à medida que a tecnologia de ensino da análise de comportamento aplicada se tornou mais largamente conhecida e praticada, a qualidade de vida para os psitacídeos de estimação melhorou a passos largos. Apesar de que eles podem não te dizer isso da mesma maneira, todos os psitacídeos se beneficiam com proprietários que saibam esses dez mandamentos sobre comportamento.

1 – O comportamento é o que um psitacídeo faz em certas condições; o comportamento não é a ave :

A próxima vez que você ficar tentado em descrever um psitacídeo com certa “classificação de temperamento” (tal como maldoso, dominante, neurótico), em vez disso responda essas três perguntas primeiro: Como essa classificação realmente parece em termos de comportamento real e observável? Em que condições esse comportamento ocorre? Qual é o resultado imediato que o comportamento resulta para a ave?

As respostas para essas perguntas irão ajudar você a organizar objetivos claros para modificação de comportamento, identificar os sinais prévios no ambiente que facilitam o comportamento, e determinar quais conseqüências fazem com que o comportamento seja mantido.

Por exemplo, veja quanto de informação é ganha ao substituir a simples classificação – “Minha ave é maldosa” – com descrições específicas de antecedentes -comportamento-conseqüências: “Quando eu ofereço minha mão perto da gaiola (antecedente), minha ave se atira para atacar (comportamento), para me alcançar e remover minha mão (conseqüência). Nós não podemos substituir a descrição “maldosa” porque é só uma classificação simples mas nós podemos substituir o “se atira para atacar” com um comportamento alternativo que queremos.

2 – Todo comportamento serve a um propósito para seu psitacídeo; o propósito é a conseqüência que o comportamento produz.

O comportamento é uma ferramenta que as aves utilizam para produziram conseqüências desejáveis (efeitos) do ambiente (incluindo o ambiente dentro do organismo). Para descobrir a razão para um comportamento em particular, olhe para o que acontece logo após o comportamento. Os resultados geralmente caem dentro de uma categoria – conseguir algo, ou conseguir fugir de algo, ítems em particular, acontecimentos ou condições.

A motivação para agir de determinada maneira no momento de agora vêm de conseqüências que o comportamento produziu anteriormente. Isso é chamado de lei de efeito, que estabelece que o comportamento está em função das conseqüências. A lei do efeito descreve o feedback da Mãe natureza. O comportamento que funciona sob o ponto de vista do animal é repetido e o comportamento que não funciona é modificado ou suprimido. Por exemplo, muitos psitacídeos vocalizam persistentemente porque ao fazer isso houve o resultado de reforços sociais (atenção humana) no passado. A ave é na verdade um aprendiz, não um gritador.

3 – Psitacídeos escolhem naturalmente o comportamento que leva às conseqüências mais positivas:

Se for dado a escolha, todos animais tendem a fazer coisas que são mais proveitosas para eles. Isso é a chamada lei de equiparação, que estabelece que as frequências relativas de diferentes comportamentos (ou os mesmos comportamentos em diferentes situações) levam a se equiparar as frequências relativas de reforço que produzem. Por exemplo, se o papagaio é reforçado para subir na mão 90% das vezes para John mas somente 40% das vezes das vezes para Grace quando ela oferece a mão, o papagaio irá tender a subir na mão de John 90% das vezes mas

somente 40% das vezes para Grace. A lei da equiparação foi demonstrada em muitas espécies de animais, incluindo humanos. Nós podemos aplicar a lei de equiparação para diminuir a frequência de um problema de comportamento ao aumentar a frequência de reforço de um comportamento alternativo. Dessa maneira nós diminuimos os problemas sem recorrer em estratégias de punição.

4 – Todo psitacideo é um indivíduo e tem um ponto de vista pessoal sobre quais conseqüências o motivam para se comportar de determinada maneira:

Reforços vêm de muitas diferentes formas incluindo itens tangíveis, interações sociais, experiências sensoriais, atividades físicas, e fuga de estímulos desagradáveis. A qualidade de vida de um animal está grandemente relacionada a quantidade, qualidade e variedade de reforços que motivam seu comportamento diariamente. Alguns reforços são automaticamente gratificantes como comida. Outros reforços são aprendidos por experiências através de processos repetidos, assemelhando-se com reforços existentes. O toque de uma mão humana é um exemplo de um reforço aprendido pela associação com outras maneiras de recompensa tais como comida. A habilidade de aprender novos reforços é outro dos planos da sábia Mãe natureza. Ela assegura que sempre haverá uma boa razão para se comportar de certa maneira do que ficar quieto.

5 – Para aprender o que motive seu psitacideo, observe cuidadosamente os itens, atividades e pessoas favoritos:

A classificação de “reforço” descreve o efeito de aumentar o comportamento que uma conseqüência tem sobre o comportamento que se segue. Não descreve qualquer característica fixa da conseqüência por si só. Algumas conseqüências são reforços em algum momento e em outros momentos não. Uma semente de girassol pode não motivar uma ave que acabou de comer um pote cheio de sementes e uma mão humana pode não motivar uma ave a voar se ela ficou bem ativa durante todo o dia. O conhecimento sobre a espécie, o histórico do comportamento individual, e as condições atuais nas quais o psitacideo vive proporcionam dicas importantes sobre o que pode motivar uma ave em particular. A melhor maneira é não fazer suposições. Quando se trata das necessidades de uma ave, o comportamento é melhor entendido como um estudo individualizado.

6 – Aumente o bom comportamento de sua ave ao prover reforços positivos imediatamente e consistentemente.

Talvez a única e mais importante consideração para um reforço altamente efetivo é contigüidade ou conexão de tempo, entre o comportamento e o reforço. A rápida recompensa com reforços positivos é a maneira mais simples de comunicar a resposta exata que produziu o resultado recompensador de maneira que o psitacideo possa repetir a resposta e merecer mais reforço. A recompensa tardia pode resultar em reforçar uma resposta diferente que ocorre mais tarde no resultado comportamental. Consistência também é muito importante porque comunica claramente a contigüidade do “se - então” entre o comportamento e o resultado: **se** você subir no poleiro, **então** você consegue um carinho na cabeça.

7 – A má notícia é que você pode não intencionalmente reforçar problemas de comportamento também:

Os comportamentos que não são reforçados diminuem com o passar do tempo pelo processo chamado de extinção. Esse processo segue-se após cada comportamento repetidamente exibido por um psitacideo e é reforçado de alguma maneira, incluindo problemas como sair sem utilizar um playground, morder para retirar mão indesejadas, e mastigar peças de móveis para recompensa sensorial. Reforço intermitente irá produzir um mal comportamento persistente pelo mesmo processo que resulta em vício de apostas. Uma vez que um problema de comportamento foi aprendido, a recompensa ocasional é tudo o que é necessário para continuar um comportamento como gritar para receber atenção.

Não é sempre o que nós fazemos que reforça o problema comportamental em um psitacideo – outras aves, crianças, e sensações internas são alguns dos outros suspeitos mais comuns – mas, de qualquer maneira, o reforço não intencional é um problema em que nós podemos agir. A pergunta mais útil que você pode responder ao lidar com um problema de comportamento não é o que está errado com essa ave, mas em vez disso o que reforça esse comportamento em particular. Quando nós entendemos que o comportamento está funcionalmente relacionado ao contexto em que ele ocorre, nós podemos mudar o contexto para modificar o comportamento, de maneira efetiva e sem maltratar.

8 – Para evitar problemas comportamentais, arrume o ambiente para fazer com que o comportamento correto seja mais fácil e mais efetivo do que o comportamento errado:

Algumas vezes a maneira mais positiva, menos invasiva para resolver um problema de comportamento é remover os comandos ambientais que fazem com que o comportamento comece em primeiro lugar. Por exemplo, movendo um playground para longe da parede irá diminuir a propensão da ave para mastigar o batente da janela. Fixando um poleiro dentro da porta da gaiola e ensinando o psitacádeo a ficar lá antes de abrir a porta da gaiola, pode reduzir a inclinação para morder a mão que está sendo oferecida dentro da gaiola.

É necessário muita atenção para estimar as diversas maneiras em que o ambiente que nós proporcionamos apresenta obstáculos ao comportamento que queremos que nossas aves tenham. Muitas soluções simples de comportamento são perdidas porque nós estamos observando a ave em vez de se concentrar no que faz o comportamento acontecer.

Mais para frente você pode retirar a recompensa que faz com que o problema de comportamento continue e o comportamento irá diminuir porque ele não produz mais de maneira efetiva a recompensa.

9 – Reforce os pequenos avanços em direção ao objetivo comportamental:

Você não pode reforçar um comportamento que nunca ocorre mas você pode ensinar um psitacádeo novos tipos de comportamentos (ou uma nova versão de um comportamento pré-existente) de maneira rápida ao reforçar os pequenos avanços feitos em direção ao objetivo final. Essa técnica é chamada de modelagem. Por exemplo, uma ave que está relutante a subir em um poleiro pode ser modelada a fazer isso ao se reforçar diversas repetições dos seguintes avanços: Observando-se uma postura de tranquilidade ao se aproximar do poleiro; rápidos toques dos dedos no poleiro; um pé apoiando no poleiro; modificar o peso do corpo para um pé no poleiro; e finalmente dois pés no poleiro.

Os modeladores bem sucedidos são observadores habilidosos das variações sutis e naturais com as quais os comportamentos são realizados. Nessa variação natural, eles percebem e reforçam o próximo avanço em direção ao comportamento final. Avanços muito pequenos devem ser reforçados muito rapidamente. Se a ave demonstra qualquer hesitação para uma aproximação em particular, relaxe os critérios de reforço para o passo anterior já dominado e então avance novamente, passo a passo.

10 – Você obtém o que você reforça então procure observar quando sua ave estiver sendo bem educada:

É dito que em nossa cultura geralmente prestamos mais atenção ao mal comportamento do que ao bom comportamento. Na verdade a mesma quantidade de atenção redirecionada a modificar o ambiente para fazer o bom comportamento ser tão fácil quanto prazeroso, irá resultar em resultados mais rápidos e que duram mais tempo.

Siga a regra geral que estabelece que sempre que você diminui um problema de comportamento (resultando em menor quantidade de reforços negativos para a ave) certifique-se de garantir que o objetivo comportamental aumente ao mesmo tempo. Dessa maneira você irá conservar a quantidade total de reforços que seu psitacádeo experencia todos os dias.

Ao observar sua ave sendo bem comportada não se vai apenas aumentar o comportamento que você quer, mas também melhorar a relação com sua ave. Os animais vão ser capacitados para fazer as escolhas de comportamento certas pelas razões certas, ou seja, conseguir algo de valor do que uma coisa que se faz com relutância. Como resultado os psitacádeos irão viver melhor entre os humanos.

Fotos:

Esse papagaio é neurótico? Sob efeito hormonal? Com medo? Tenha cuidado ao rotular o comportamento para descrever sua ave. Em vez disso descreva o comportamento que você pode ver.

Psitacádeos podem nem sempre procurar as mesmas conseqüências. Algumas vezes um cafuné na cabeça é motivante, enquanto que em outras vezes só um amendoim será o suficiente!

Preste atenção a cada pequeno passo que seu psitacádeo fizer em direção a um novo comportamento e tenha pronta a maneira de recompensar imediatamente!

Notícias sobre os Papagaios-do-Congo

Menu lateral - Para a estória completa leia PsittaScene Fevereiro de 2008 e o site www.parrots.org na seção current projects > African Grey.

Nos meses finais de 2007 uma estória épica começou para a Organização Últimos Grandes Primatas (LAGA) e para o resto da equipe do Centro para Vida Selvagem de Limbe (LWC) nos Camarões, África. As investigações da LAGA levaram a captura de mais de 1.200 Papagaios do Congo em 2 carregamentos ilegais sendo enviados para o comércio de aves de estimação no exterior. As aves foram enviadas para Limbe para triagem. Centenas foram libertadas e perto de 300 permanecem em cativeiro enquanto suas penas crescem novamente antes da soltura.

Ofir Drori o fundador e diretor da LAGA disse “O caso dos Papagaios provou ser um dos mais interessantes em termos da corrupção e cumplicidade ocorrendo em altos escalões. Um dos mais importantes responsáveis está preso e a maior parte dos papagaios já foram soltos. O ministro disse que ele decidiu soltar os papagaios como um ato de comprometimento para o combate ao tráfico de animais selvagens, e simbolicamente soltar alguns deles com o governador de Limbe e dois embaixadores (acima). Essa é a primeira vez que tal quantidade de aves foi confiscada e não devolvida ao comércio servindo de benefício aos traficantes. Esperamos que essa soltura irá criar um precedente não apenas nos Camarões”.

Das 1.200 aves originalmente capturadas, mais de 700 aves foram quase imediatamente libertadas. Infelizmente aproximadamente 200 aves estavam mortas na chegada ou morreram de doenças ou ferimentos. As restantes 300 aves tinham graves danos às penas o que requeria cuidados intensivos. O World Parrot Trust proporcionou ajuda financeira imediata para ajudar a contruir aviários e comprar comida, e então enviaram o Dr. Gino Conzo, um veterinário Italiano para Limbe para aconselhar a equipe e ajudar a tratar as aves. Gino foi acompanhado por Mario D’Angelo para a tarefa assustadora. Com assistência da equipe de Limbe, Gino e Mario examinaram cada ave e removeram todas as penas danificadas para apressar o crescimento de penas novas e sua eventual soltura.

Numa atualização recente Felix Lankester relatou:

Uma vez que as penas danificadas foram removidas as aves começaram a se recuperar nos aviários. No começo de Fevereiro eles completaram o tratamento para Chlamyphilose. O tratamento havia sido muito bem sucedido com a mortalidade diária caindo para zero. Mesmo as aves que haviam ficado extremamente doentes se recuperaram o suficiente para serem colocadas de volta nos aviários com o resto do bando.

Tudo parecia estar caminhando bem até que o final de Março quando três aves morreram em dois dias. Depois de discutir com o Dr. Conzo, nós concluímos que poderia estar começando outra onda de casos de Chlamyphilose É extremamente difícil eliminar esse agente de um grupo pois as aves podem ser portadoras assintomáticas.

Para prevenir outra epidemia começamos novamente o tratamento e vamos monitorar a situação com muito cuidado. Esperamos que tenhamos pego o surto logo cedo e ao fazer isso vamos reduzir o número de fatalidades.

No entanto se certo número de papagaios ficar doente a sua taxa de crescimento de penas e eventual soltura pode se atrasar além de Maio de 2008.

O Centro para Vida Selvagem de Limbe gostaria de agradecer o WPT pela assistência logística e crítica ajuda financeira, sem a qual nós certamente não poderíamos ter feito tanto pelos Papagaios-do-Congo.

PsittaNews

Parrotevents

The Perch Store – até Junho de 2008:

Durante os meses de abril, maio e junho de 2008 esse revendedor online de produtos para aves vai doar uma porcentagem de todas as vendas para o WPT. Acesse: www.theperchstore.net ou visite www.parrots.org

Phoenix Landing - 10th May 2008:

Essa organização sem fins lucrativos fornece programas de educação sobre cuidados adequados para aves. Eles estarão organizando um dia inteiro de eventos com Steve Martin no dia 10 de Maio de 2008. E irão doar a renda para o World Parrot Trust.

Acesse: www.parrots.org seção parrot news - events

FlyAbout 2008 - 23-25 - Maio de 2008:

Chris Shank irá organizar o segundo FlyAbout em Salem, Oregon. O evento desse ano foi expandido para três dias com um novo workshop sobre treinamento com clickers a ser realizado na sexta, 23 de Maio. Esse workshop irá se concentrar nas técnicas adequadas ao se utilizar um clicker e reforço positivo. No Sábado e Domingo o FlyAbout irá se concentrar nos prós e contras do voo dentro e fora de casa e sobre o que está em jogo ao se criar um psitacédeo de estimação que esteja seguro e confiante para voar tanto dentro quanto fora de casa. Treinadores de aves experientes irão discutir sobre os métodos de treinamento de reforço positivo criados para ensinar sua ave a voar bem e de maneira segura. Demonstrações de aves voando livremente serão feitas no local por todo o final de semana.

Uma porcentagem da renda será doada ao World Parrot Trust. Acesse: www.parrots.org seção parrot news - events

Organizando um evento sobre aves?

Se você está interessado em organizar um evento para beneficiar os psitacédeos e levantar fundos para o WPT acesse: www.parrots.org seção get involved.

Parrotnews

Cacatuas e Lóris soltos

O comércio ilegal de aves selvagens continua desenfreado na Indonésia, e também inclui certa quantidade de espécies de psitacédeos. Aqueles que são confiscados e que possam ser soltos devem atingir critérios bastante rigorosos estabelecidos pela IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza) e pelo CITES (Convenção sobre o Comércio de Espécies Ameaçadas).

O Projeto Psitacédeos da Indonésia já fez três solturas. A mais recente em Fevereiro de 2008, quando 7 Cacatuas das Molucas (*Cacatua moluccensis*) e 4 Lóris (*Lorius domicella*) foram soltos, trazendo o total até o momento para 16 Cacatuas e 4 Lóris. As crianças das aldeias vizinhas foram capazes de testemunhar essas solturas e compartilhar a emoção do momento.

Apesar de que o número de aves não é grande, essas solturas proporcionam uma oportunidade significativa para aumentar o orgulho das aldeias locais e das crianças sobre as aves nativas, e ensinar os princípios de conservação.

Foto: Cacatuas voltando à natureza.

Fonte: <http://www.prweb.com/releases>

Cuidado com golpes com psitacédeos no Reino Unido

Comerciantes ilegais parecem estar envolvidos em um golpe nos quais os admiradores de aves são enganados para comprar aves que morrem dias depois. Os inspetores da agência de proteção animal (RSPCA) estão preparados para confirmar as denúncias de que periquitos estão sendo capturados das árvores em parques de Londres e vendidos como aves “raras” para compradores desavisados.

Fonte: <http://icwales.icnetwork.co.uk>

Cacatua sortuda é salva por seus companheiros

Protetores de animais contam que uma cacatua resgatada de uma árvore havia sido mantida viva por duas semanas por seus companheiros alados. Um grupo de resgate foi chamado para ajudar a *Cacatua galerita*. A ave havia se prendido numa árvore depois que sua perna ficou presa em fios. Um da equipe de resgate Nigel Williamson disse acreditar que a cacatua havia ficado presa por duas semanas e mantida viva por outras aves. “É incrível como as outras aves chegavam e estavam obviamente a alimentando e a mantendo viva” ele conta. Apesar de traumatizada e magra, a cacatua está se recuperando. Uma habitante do local, Helen Johns, disse que ela havia notado uma “coisa branca” na árvore. “Eu ficava sempre observando enquanto passava dirigindo mas não havia percebido que era uma ave e então observei outras aves a alimentando e pensei que ela devia estar presa”, nos conta.

Fonte: <http://www.abc.net.au>

Agradecimentos

Um grande agradecimento do WPT da Itália para Valter Gerlero e os diretores do Club Degli Psittacidi pelo seu contínuo apoio ao World Parrot Trust. Dúzias de DVDs Polly Vision foram vendidos através da revista do clube e encontros, e o clube tem ajudado muito em difundir informações sobre o WPT e encorajando novas associações.

Um tributo a Ron Johnson de seu amigo George Geipel

Ronald Johnson (acima à esquerda) era uma pessoa e amigo muito especial do World Parrot Trust. Eu conheci Ron na escola de Propagando Pierce onde ele era excelente tanto com marketing como com a publicidade. Em mais de 30 anos de trabalho ele se tornou meu melhor amigo e era como um irmão para mim. O seu primeiro e principal amor era pelas aves de todos os tipos, especialmente pela Arara-de-Garganta-Azul e pela Ararajuba.

Seu melhor amigo de penas era seu companheiro constante, sua arara “Polly”. Mesmo a esclerose múltipla não conseguiu parar Ron e você frequentemente o encontrava em lojas de animais de estimação e em criatórios lidando com aves e educando as pessoas sobre os cuidados com psitacídeos.

As duas maiores inspirações para ele eram salvar a floresta tropical e proteger espécies de aves ameaçadas e ele fez mais do que só falar sobre isso. Através do seu testamento ele deixou uma quantia considerável para o World Parrot Trust perseguir a sua valorosa causa. Ron pediu que sua herança fosse dividida entre o Projeto da Arara-de-Garganta-Azul e o Fundo pela sobrevivência da Ararajuba.

Eu peço que você também colabore para que essa organização possa continuar sua missão. Nós perdemos Ron em Janeiro de 2007 mas seu legado irá continuar a viver. Você também pode fazer isso.

Patrocínios e prêmios

O WPT foi honrado pela Associação Internacional de Treinadores e Educadores de Aves (IAATE) novamente esse ano! Nós recebemos o Prêmio de Conservação da IAATE (e 500 dólares) pela nossa ajuda aos Papagaios-do-Congo resgatados como descrito na PsittaScene de Fevereiro de 2008. Em adição a isso, fomos premiados com um patrocínio de 2.000 dólares para o projeto da Arara-de-Garganta-Azul. A IAATE tem apoiado esse projeto por 4 anos com mais de 5.000 dólares em contribuições. A organização também tem sido essencial para chamar atenção ao trabalho do WPT em geral. Estamos muito gratos por essa associação.

O Comitê de Conservação do Zoológico Point Defiance (Tacoma, Washington, EUA) está apoiando o fundo para a Arara-de-Garganta-Azul pelo quarto ano seguido com uma bolsa de 2.589 dólares. Desde 2005 o Zoológico já doou quase 10.000\$ para esse projeto. Vivas ao Zoológico Point Defiance pelo seu papel em conectar os zoológicos ao campo da conservação.

A Fundação Folke H. Peterson tem continuado o generoso apoio de nosso trabalho com o comércio de aves com um patrocínio de 20.000 dólares para os Projetos sobre o comércio de aves na Ásia, México e América do Sul.